

O Super Silva

IVAN JAF

Ilustrador: CÉSAR LOBO

O texto ficcional desta obra é o mesmo das edições anteriores

O Super Silva

© Ivan Jaf, 1996

DIRETOR EDITORIAL · Fernando Paixão

EDITORA · Gabriela Dias

EDITOR ASSISTENTE · Fabricio Waltrick

APOIO DE REDAÇÃO · Pólen Editorial e Kelly Mayumi Ishida

PREPARAÇÃO · Carlos Alberto Inada

COORDENADORA DE REVISÃO · Ivany Picasso Batista

REVISORA · Claudia Cantarim

ARTE

CAPA · Exata

PROJETO GRÁFICO · Tecnopop

EDIÇÃO · Cintia Maria da Silva

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA · Antonio Ubirajara Domiencio e Exata

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS · RJ

J22s

4.ed.

Jaf, Ivan, 1957-

O Super Silva / Ivan Jaf ; ilustrações César Lobo. -

4.ed. - São Paulo : Ática, 2007

120p. : il. - (Sinal aberto)

Apêndice

Inclui bibliografia

Contém suplemento de leitura

ISBN 978 85 08 10656-1

1. Violência - Literatura infantojuvenil. 2. Drogas -
Literatura infantojuvenil. I. Lobo, César. II. Título. III. Série.

06-3021.

CDD 028.5

CDU 087.5

ISBN 978 85 08 10656-1 (aluno)

CAE: 211202 - AL

CL: 735398

2017

4ª edição, 9ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Um super-herói brasileiro

O que **você faria** se, de uma hora para outra, se visse na pele de um super-herói?

Pois é justamente o que acontece com **Silva**, um borracheiro do morro da Mangueira, no Rio de Janeiro. Em uma terça-feira de Carnaval, a vida dele se transforma completamente. Sem querer, ele se envolve em um emaranhado de aventuras, mal-entendidos e complicações. Nessa confusão toda, acaba salvando muitas pessoas de situações perigosas.

Daí para a **fama** é apenas questão de tempo, já que suas ações ultrapassam os limites da favela e ganham as **manchetes dos jornais**. Rapidamente ele se torna o Super Silva, paladino da justiça adorado pela multidão.

Só mesmo um herói com jeitinho brasileiro para enfrentar os desafios da vida no morro: **violência, tráfico, insegurança**. E Super Silva dá conta do recado com criatividade, improviso e muita presença de espírito.

Você vai se divertir do começo ao fim com as **enrascadas e saídas mirabolantes** desse herói que, além de engraçado, é também um exemplo de calor humano e de solidariedade.

No fim do livro, descubra ainda mais sobre o Super Silva lendo a entrevista exclusiva com seu criador, Ivan Jaf.

Não perca!

- *As agruras do dia a dia num morro carioca.*
- *As confusões causadas pela imprensa na vida de uma pessoa.*

Sumário

1 · Caindo na fantasia.....	5
2 · Nasce um herói.....	12
3 · É um pássaro? É um avião?.....	19
4 · Sentindo firmeza.....	24
5 · As portas da fama.....	32
6 · Vendendo esperança.....	40
7 · O Batman morreria de inveja.....	49
8 · Chutando o pau do barraco.....	61
9 · Assédio sexual.....	73
10 · Escapando por pouco.....	81
11 · Latindo pra economizar cachorro.....	90
12 · Olho por olho.....	98
13 · A lei do silêncio.....	103
14 · Cada um por si.....	110
Bate papo com Ivan Jaf.....	115
Obras do autor.....	119



CAINDO NA FANTASIA

Silva dobrou o jornal com cuidado, como se fosse sair sangue, e o jogou no chão. Depois coçou a imensa barriga e a sujou de graxa. Disse um palavrão e olhou em volta, procurando algum pano limpo.

— Um pano limpo por aqui... é ruim... — sorriu, desesperançado.

Tirou a graxa com um pedaço de estopa ensebada que fazia anos vivia ali pela loja, como um pequeno animal de estimação. Aproveitou para tirar a graxa dos dedos também. E, já que os dedos estavam limpos, acendeu um cigarro. E coçou novamente a barriga.

Eram cinco da tarde de uma terça-feira de Carnaval. Fazia um calor desgraçado no morro da Mangueira, no Rio de Janeiro.

Às seis e meia ele continuava na mesma posição, quando afinal apareceu um cliente. O primeiro e único de todo aquele maldito dia. Um rapaz todo suado, vestido de mulher, rolando um pneu.

— É você o borracheiro?

— Não. Sou a mãe dele.

Silva se espreguiçou e custou a levantar do banco que já tinha sido de um fusca, encostado na parede dos fundos da borracharia. No caminho pegou o martelo de borracha e parou diante do pneu, já deitado no chão, a seus pés, como um inimigo abatido, pronto para ser massacrado.

— Não sei o que aconteceu. É um pneu novo — disse o rapaz.

— Não vou ter pena dele por causa disso.

Silva era um negro muito grande, um metro e noventa, pesava cento e dez quilos e tinha uma barriga enorme, voluntariosa, que não se sujeitava às camisetas, ficando sempre do lado de fora. Muitas vezes sonhava que ela estava estourando como um pneu.

Com seus braços fortes, era famoso por conseguir tirar um pneu do aro com apenas três marteladas. E foi o que fez, enquanto o outro o olhava assustado.

Arrancou a câmara de ar, como um índio escalpelando um homem branco que acabou de matar toda sua família, e a levou para o compressor. Encheu-a até quase explodir, depois a mergulhou na banheira cheia de água suja, empurrando para baixo com raiva, como se quisesse afogá-la, e girou a coitada, que se debatia aflita até começar a borbulhar, revelando o furo. Tirou-a da água com um puxão violento, apertou o bico com força, o ar saiu rápido, ela assoviou fino e murchou num último suspiro.

Enquanto a prensa quente colava o remendo, Silva caminhou até a porta da loja e olhou a rua.

— Estou de saco cheio — filosofou. — Vou fazer quarenta anos e... me diga... o que consegui na vida?

— ...

— Sociedade numa borracharia no pé de uma favela barra-pesada. Uma maldita borracharia aberta vinte e quatro horas, todos os dias do ano, incluindo o Carnaval. A merda de uma borracharia que não dá dinheiro nenhum. E sabe por quê? Sabe?

— Nã... não — gaguejou o outro, ajeitando a alça do sutiã.

— Porque quase ninguém tem carro por aqui.

— É...

— No começo, uns dez anos atrás, tive uma ideia que até parecia boa. À noite espalhava umas tachas aí pelas

ruas. A freguesia aumentou... até furar o pneu do Paulão Tesoura. Fiz o conserto com dois trinta e oito e uma escopeta apontados aqui pra minha cabeça. Depois me obrigaram a engolir a tacha e fui pra casa morrer perto da família. Mas a patroa me preparou um purgante de arruda e ficou tudo bem.

— É... arruda é muito bom pra...

— Não precisa conversar, não. Estou só desabafando.

Qualquer pessoa servia.

— Tudo bem.

— Me conformei. Preferi morrer de tédio, esperando que os pneus furem naturalmente aí por perto. É como uma funerária. A gente vive da desgraça dos outros — cuspiu. — Mas passar o Carnaval trabalhando enquanto todo mundo se diverte é demais.



Deu um passo na calçada, chutou uma lata vazia para dentro da vala negra, disse um palavrão e olhou para a lâmpada vermelha que acendia quando a prensa terminava o serviço. Ela apagou. Ele sempre conseguia. Como a cozinheira que sempre chega a tempo de apagar o fogo antes do leite derramar. Tirou a câmara de ar, tornou a enchê-la e a afogá-la na banheira. Tudo certo. Nenhum vazamento. Enfiou-a entre o aro e o pneu e voltou a martelar. Três vezes. Três golpes secos. Colocou um pouco de graxa no bico.

— Cinco reais.

O rapaz vestido de mulher não disse uma palavra. Pagou e foi embora rápido, rolando o pneu agora cheio.

Silva enfiou o trocado no bolso da bermuda e desabou novamente no banco de fusca. Aí coçou a barriga. E a sujou de graxa de novo. Suspirou, olhou para a estopa e sentiu vontade de tocar fogo em tudo.

Xavier, o sócio, só chegou às nove horas da noite, e muito contrariado porque ia perder o desfile dos blocos no centro da cidade:

— Quebra o galho — implorou. — Fica essa noite aqui no meu lugar. Eu trago até a tevê pequena da patroa. E o dinheiro que entrar é teu.

Silva olhou para baixo com raiva. Xavier tinha pouco mais de um metro e meio e pesava cinquenta e cinco quilos. Quando os dois sócios andavam juntos na rua parecia anúncio de circo chegando à cidade.

— Vou fingir que nem escutei. Boa noite, Xavier.

E finalmente saiu da borracharia.

— Vai levar o martelo? — ainda perguntou o outro.

— A Tereza pediu pra eu desempenar umas painelas. Tem outro lá atrás.

A rua estava deserta, todo o comércio fechado, só um ou outro bêbado cambaleando, alguns vira-latas sem

rumo, gatos pulando muros e ratazanas correndo de um bueiro para outro. Era uma lenta subida até o barraco. Silva seguiu, arrastando sua barriga, desiludido com a vida.

Quando passou em frente à birosca do Atílio sentiu o dinheiro do conserto do pneu no bolso da bermuda e parou para tomar uma branquinha. Afinal era Carnaval.

— Bota aí uma água que passarinho não bebe — foi entrando e pedindo.

Atílio encheu até a borda um copo de geleia encardido e Silva o virou goela abaixo de uma vez só.

— Mais uma.

— O freguês manda. Trabalhando até agora?

— Pois é.

— Eu também.

— Saco.

— É. Quer tomar uma cerveja, Silva?

— Tô duro.

— Eu tava aqui triste, sozinho. A cerveja é por conta da casa. E acho que ainda tem um resto de caldo de mocotó.

Passava de uma hora da madrugada quando Atílio fechou a birosca e Silva tomou novamente o rumo de casa.

— Tá esquecendo o martelo — lembrou Atílio.

Havia tomado quatro caninhas, oito cervejas e três canecas de caldo de mocotó. Quando esbarrou num poste e pediu desculpas percebeu como estava doidão.

A rua continuava deserta, e ele subia com cuidado porque havia ainda muita lama das últimas chuvas. Aconteceu justamente no alto de um barranco. O pé direito pisou no cadarço do tênis do pé esquerdo. Tropeçou, a imensa barriga foi para a frente, tentou encontrar alguma coisa para se segurar mas tombou para a esquerda e rolou pela ribanceira, escorregando entre o mato e a lama.



Foi tudo muito rápido e quando abriu o olho viu o céu estrelado, o corpo no meio de um monte de lixo.

Não estava machucado e começou a rir.

— Era só o que me faltava.

Ao tentar se levantar espetou a mão numa ponta de plástico duro, dourado. Era um capacete, com duas pontas dos lados, grandes, como orelhas de burro. Achou bonito e pensou em levar para o filho. Olhou em volta com atenção e viu um pano preto brilhante. Era uma capa, com uma máscara na ponta.

Havia caído num monte de restos de fantasias de Carnaval.

A maioria estava rasgada, imprestável, mas encontrou um cinto largo, cheio de pequenas bolsas com presilhas, uma roupa colante azul e vermelha com um grande S desenhado no peito e duas botas macias de borracha vermelha com riscos pretos.

Ele sabia. A tevê da casa de Silva ficava ligada a manhã toda, os dois meninos com a cara grudada nos desenhos animados.

A capa era do Batman.

O capacete era do Thor.

A malha, do Super-Homem.

As botas, do Homem-Aranha.

Colocou a capa, enfiando a máscara. Era Carnaval. Sentiu-se bem. Vestiu a roupa por cima da bermuda e da camiseta. Ficou apertada, mas entrou. Só na altura da barriga a malha não resistiu e abriu um rasgão que ia de um lado ao outro, bem embaixo do S.

— Nem os poderes do Super-Homem seguram essa barriga.

Aí calçou as botas. Ficaram apertadas, os dedos espremidos como sardinhas na lata:

— Mas dá pra andar.

Silva ia se sentindo cada vez melhor, feliz como uma criança. Amarrou o cinto abaixo da barriga, nas bolsas guardou seu tênis velho, os cigarros e o isqueiro.

— Vou entrar num bloco e cair na gandaia — decidiu.

Antes de subir a ribanceira procurou o martelo de borracha. Encontrou-o perto do lixo, numa moita de capim. Lembrou do capacete dourado do Thor.

Colocou-o na cabeça, ergueu o martelo com a mão direita e gritou:

— Tchan!